

ILLUSTRAÇÃO

EDIÇÃO SEMANAL
Empreza do jornal O SECULO

José Joubert Chaves
EDITOR

PORTUGUEZA

Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stereotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 16 DE MAIO DE 1904

NUMERO 28



O CAVALLEIRO FERNANDO D'OLIVEIRA

(Phot. Bubone)

O malgrado cavalleiro, gloria da taumachia, excellento filho, devotado amigo, homem de grandes qualidades moraes, e que foi agora victima ao trabalhar com denodo na Praça do Campo Pequeno, principiara bem modestamente a sua carreira.

Empregado de commercio, após alguns desastroses fuzileiros da sua familia, começou a torrear em corridas de curules e ao cabo d'alguns annos apparecia como artista feito nas diversas praças do paiz. Sempre correato, magistral no trabalho, teve tardes de gloria, tardes de consagração ao apparecer elegante e corajoso nas arenas diante do publico que o victoriava. Começou a crear relações, a viver n'um certo meio, fazendo amigos entre todos os que se approximavam d'elle.

Nasceu em Bonavente em 11 de março de 1839 e estroelou-se como artista na praça de Villa

Franca em 1887. Trabalhou então por todas as praças de Portugal, foi recebido sempre com agrado bem traduzido nas ovações que recebia; em 1889 foi trabalhar a Carceres (Hespanha), havendo-se com singular intrepidez. Em 1893 toureou em Madrid correndo-se touros de hastas limpas e o seu trabalho n'essa tarde foi na verdade magistral, obtendo grandes manifestações dos hospitaes, d'esse povo habituado a sensações das corridas e que o admiraram. Em 1901 toureou no Rio de Janeiro.

O artista era cavalleiro de Christo, distincção que lhe fora concedida em virtude dos seus grandes merecimentos. Ao cabo de 25 annos de trabalho, quasi sempre feliz, o cavalleiro accoutreu a morte na tarde de quinta feira d'Ascensão, ao lidar um touro de sr. marquez de Castello Melhor, na praça do Campo Pequeno.

CHRONICA

Disciplinas

Diz-se que as novidades duram tres dias. E' falso pelo menos d'esta vez. Já lá vão muitos mais e ainda se discute o crime do cabo que assassinou os seus officiaes. Formam-se grupos, levantam-se discussões, algazarra-se, berra-se, estabelece-se confusão e no fim olha-se para o relógio e exclama-se:

—O' diabo, deixa-me ir ás sopas!

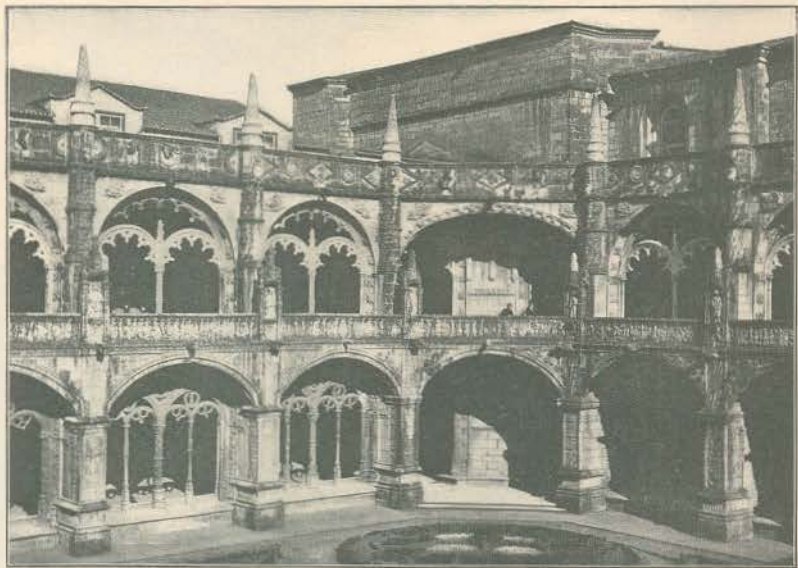
Isto para se voltar á mesma no dia seguinte, sempre, todos os dias, nas ruas, nos cafés, nas esquinas:

—E então que diz você ao caso?! ..

Ha almas sentimentaes n'este bom povo, só o coração fala, só elle domina, a bator, a pulsar, a vir até á bocca por vezes em impulsos que são eloquentes. Chora-se e ha tremolos de voz lamentando os officiaes, uns, lamentando o cabo, os outros.

A pontam-se tres lareas desgraçados, muitas victimas, muitos desditosos. E d'um lado estão os apologetas sentimentaes do attentado, do outro os doces, os termos carpidores das victimas sacrificadas ás balas da espingarda da Ordem, transformada em instrumento de revolta.

No fim a cabeça mal entra para essas cousas: não se vê o verdadeiro culpado, o grande, o unico, o que domina e impõe, o que gerou o crime. E elle existe, soberano, oligarchico, n'um céu de respeito como um dogma, escripto e seguido como uma lei sem discussão; elle vive e brilha, alastra-se e continua a sua senda. Tem uma categoria: é uma religião. Tem um nome: é a disciplina! Ella levou os officiaes a castigar o subordinado, ella apertada em muitas voltas de barracha, rangendo aos esforços, para mais se impôr, deu resultados contrarios, co-



REAL CASA PIA DE LISBOA—UM CLAUSTRO



REAL CASA PIA DE LISBOA—UM TRECHO DO CLAUSTRO

mo uma mola de relógio que, ao voltar, se quebra, estala, parte.

Se fosse mais branda, se se chamasse apenas respeito de homem para homem, se admitisse em certos casos um pouco de piedade, se pudesse vêr as affeições, as dôres, os corações turbados, os laros infelizes, os cerebros exaltados, se deixasse por vezes escutar as supplicas, se não fosse uma serie de artigos encadernados em aço, se não tivesse paragrafos rijos, se enfim pudesse acabar de ser inflexivel para ser razoavel, agora, em vez d'um crime, de algumas victimas, d'um mau exemplo, teriamos apenas aniquilado um terceiro! Do raciocinio vem a razão logica das cousas e acabam as discussões: abrandem a lei militar, pautem-na mais ou menos pela civil, façam do militar uma especie de funcionario com mais deveres e com mais direitos, sobretudo com mais proventos, e terão acabado d'uma vez as revoltas como a de agora.

Onde se mantem em absoluto a disciplina é na exposição de quadros que se inaugurou na Academia de Bellas Artes. Não ha uma mancha mais acirrada, um perfil mais contorcido, uma figura mais ousada. Pôz-se uma rasoirã e mediu-se a arte, que ainda este anno se manteve academicamente.

Como lembra aquelle ousado Lantier de *l'Esquerre*, o que elle sonhava, o que elle queria: o ar livre, o novo, o fremito nascente e inedito que não appareceu nem mesmo nas obras de tantos pintores novos que assignaram trabalhos.

E' ainda a disciplina, como quem diz: a rotina. E aqui está a novidade—a Exposição—que apenas durará tres dias por falta de imprevisto!

A espiga é um velho uso. Está nos costumes, mais ainda está nos processos governativos. E' como quem diz: metter a mão em seara alheia.

O povo da capital, em quinta feira, abala por esses campos fóra, vae ás ranchadas, vae á vontade com os cestos dos farnéis e com uns colhos na algeibra para o vinho. Corre pela campina, abanca á sombra d'umas arvores, corre, ri, toca guitarra, e vae depois por entre os trigos que são verdes colher as sete espigas symbolicas, como se não as tivesse todo o anno representadas no ministerio.

E' elle que as busca, que as leva para casa a atrahir a felicidade, cortas-as das searas dos outros destruindo, fazendo baixas: é elle que não pode queixar-se dos estadistas que tenham por uso mais ou menos a mesma cousa.

Por isso quando se diz desoladamente: é uma espiga! Parece que a gente se lamenta de ser apenas uma! .. Sim, porque sete são a felicidade no dizer d'essa boa gente que em maio, ao sol, na embriaguez da luz, se vae cortar aos campos com a famuloira atraz. . .

ROCHA MARTINS.



A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES—QUADRO DE S. M. EL-REH

O quadro de S. M. é uma figura simples, verdadeira e cômica de ebanho, masculina e d'albornoz: um árabe que segura a sua carabina. Tem vida e tem verdade o quadro, tem mesmo alguma coisa de expressivo que marca desde logo o artista.

Ultimamente tivemos ocasião de ver alguns outros trabalhos de S. M., pacíficos e modestos que deixam o artista por isso não nos surpreendem essa figura d'árabe, soberba na ligeira

veste e de carunchão forte, exposta nas Bellas Artes. Batido de luz, sereno e altivo, o árabe lá está assignado muito e simplesmente por um nome, que não se destaca como a separar o rei do artista. S. M. escreveu apenas no seu quadro: Carlos.

E, no entretanto, o publico é atraído pelo trabalho, para examina, detem-se a'nna analyse a bella pintura, feita, segundo nos affirmam, a'nna bem limitado espaço de tempo.



O BANQUETE OFFERECIDO AO SR. MARQUEZ DE SOVERAL PELOS VITICULTORES DA REGIÃO DURIENSE—O SR. MARQUEZ FAZENDO O SEU BRINDE
(Segundo um croquis do nosso correspondente especial no Porto)

Os viticultores do Douro ofereceram um almoço de homenagem ao illustre diplomata que é uma gloria portugueza e que, de passagem para o seu solar de Sidra, se deteve na Regua, a fim de assistir a esse almoço. A sala do tribunal foi ornamentada para o effeito, tendo comparecido o sr. bispo de Lamego, presidente da camara, imprensa local, governador civil de Porto, representantes dos municipios de Villa Real, Lamego, Alfô, Pesqueira, Santa Martha, Mesão Frio, etc., assim como todos os viticultores da região duriense. O sr. conde de Figueira, que acompanhava o nosso ministro em Londres na sua viagem, assistiu tambem ao banquete.

O primeiro brinde foi levantado pelo sr. presidente da camara, que pediu a protecção do sr. Marquez de Soveral para o commercio do Douro.
Então, o illustre diplomata, n'uma brilhante allocução, agradeceu a maneira gentil e bizarra como era recebido e prometteu todo o seu auxilio para essa região de que se orgulha em ser filho.
O almoço acabou pelas 2 horas da tarde. O sr. Marquez de Soveral partiu logo para a Pesqueira, no seu automovel, sendo delirantemente aclamado á saída de Regua e no parvarejo.



A PRAÇA DE SANTA MARIA



A ENTRADA DO SOLAR DE SIDÓ, PERTENCENTE AO SR. MARQUEZ DE SOVERAL E QUE FICA A UM KILOMETRO DA VILLA DE S. JOÃO DA PESQUEIRA



AVENIDA DO MARQUEZ DE SOVERAL, VISTA DO LADO DO NASCENTE



PROJECTO PARA UMA LAPIDE.

COMMISSAO DE AD. HAUERMANN

A LAPIDE QUE VAE SER COLLOCADA NA CASA ONDE NASceu O CONSELHEIRO FERREIRA DE ALMEIDA, EM FARO



AVENIDA MARQUEZ DE SOVERAL, VISTA DO LADO DO NORTE A VIAGEM DO SR. MARQUEZ DE SOVERAL A S. JOÃO DA PESQUEIRA

A memoria d'aquelle prestigioso marinheiro que se chamou Ferreira d'Almeida e morreu em Livorno recebe agora uma homenagem que os filhos do Faro prestam aquelle que foi parlamentar distinto e official valoroso.

Na casa onde nasceu em Faro, n'essa sua terra algarvia, de luz e de calor, vai ser collocada uma lapide que perpetuará a recordação do illustre official.

Um grupo de amigos, com a sancção geral do povo da cidade, levou a cabo esse trabalho, essa homenagem justissima que ficará a lembrar o marinheiro cuja memoria foi e é venerada.



A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES: — ALGUNS DOS MELHORES QUADROS EXPONTOS

—LAGOACHOS NO SETIL— DE P. DE MELLO JESUS—“UMA FEIRA NOS ARREDORES DE LISBOA” DE COELHO—“PRAIA DA BAHA (NATURAL)” DE JOÃO VAS—“SAINT MALO” DE GOREA FERREZ DE
—“FLORES DO OUTONO” DA SR.ª CUNHEIRA DO ALTO MELRO—“O PIFARO NOVO” DE HENRIQUE PIRO

Abriu a exposição em 10 de maio. São tres as salinhas em cujas paredes se alinham os quadros nas suas molduras algumas bem lisarras. A luz vem d'alto, vinda e brava, mas luz raga, da man atelier, e o publico passa a deter-se diante d'essa galeria eude os moit'es expõem no lado dos boyos. O maio é pequeno, resumido; não ha lugar para todos, d'ahi uma malevolencia entre os artistas.

Na vesperra de exposiçáo, apenas alguns intimos dos pintores, jornalistas e litteratos entram nas salas onde os tapetes estavam por pregar e os quadros por numerar. O dia era glorioso, luminosamente bello, e ao descer a escada vihamos com uma impressáo de tristeza ao calmos d'aquelle poço, nas salas sem condições, ferindo a vista na bizarría das produções, atormentados pola busca d'alguma coisa de novo que fassese vibrar, que alarmasse. Percorrendo todos os



A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES: — ALGUNS DOS MELHORES QUADROS EXPOSTOS

—“SENTE DE LANTERNA” DE COLLEBRANDI BORDALLO FERREIRO—“MESTRES” (APOTHEOSE) DE MALGODA—“JESUS EM BOMBA E LANTERNA” DE DAVID DE BELLO—“VELHO MERCADO” DE CARLOS REIS—“O MERCADO” DE MARIA GUIMARÃES—“O VELHO DO ESTEIO” DE COLLEBRANDI BORDALLO FERREIRO—“SAUDAÇÕES DE LEONALDO BATTISTINI”—“A ARABIANA” DE SYRIS

causos, analysando, esfareçando com o olhar as telas, na ansia d'um fremito inédito, retirámo-nos cheios de desolação.

Não ha um crito, um alarme, um symbolo apenas, que agrade pela idéa ou pela factura, que se imponha, que realce. Não ha profundamento moderno. Aqui e além alguns trabalhos de mestre de pintores conhecidos que tomou a sua maneira e que se isolam desde logo como por exemplo Collebrando com os seus assumptos historicos: *A Ignez de Castro*, mascarada toda de tortura no quadro onde ha figuração, trabalho com palpitação nervosa e onde se destacam roupas que caem bem, recorres audezimos, meias tintas que são agradáveis. De quadros de Malgoda, aquelle sebalida symbolo de *Beethoven*, suave, ligero, agradável. Mas sobretudo é artista e consiliador ao dar-nos tipos portuguezes, como aquella mulher da *Fuços em Leilão*, que ri se soz, que realça e vive ao painel, como aquelle garoto batendo na sua lã em guisa de lambor e que é flagrante ao posar na serra. A pintura de marinhas de João Vaz é sempre a mesma na correção: ha umas figuras esmeraldas de Condeixa, o tipo do pescador de Carlos Reis e a *Mesa em Notre Dame*, tres bellos tipos de velhos de David Mello, eis o

que se distingue na exposição, onde todavia não se encontra, como seria para desejar sobretudo da parte dos novos, uns trechos ardentes, cheios de onsdia, fora do vulgar, em que houvesse verdade e idéa, em que o briabranguismo desaparecesse para dar lugar às revoluções. É eternamente a mesma escola de academia, o mesmo processo e o mesmo sentimentalismo, como na arte antiga da França. Hoje ha chancelada por todas as andanças que sotrostantem o publico e impõem os artistas.

Em *partes* ha alguns trabalhos de Battistini que agradam, mulheres de carnacão gloriosa, frescas, rosas, lherbas. Animalistas apenas Gyriso, o unico que se dedica à pintura do genero e que nos apresenta magníficos gallos com as suas arrogantes attitudes e as suas penas indias, como macacões empertigados e conquistadores. Os amadores deixam admirar o auxilio dos mestres, antevendo-se os auxilios, os rancores e os bocados feitos às escuras pelos consagrados. Deve no entanto notar-se uma figura triste de malhor com um bocado de lilans, que é obra de um condessa d'Alto Marim, senhora de sociedade e que cultiva a pintura no genero triste, doce, com vaguidões romanticas e sem cuidados de trabalho aforroado.



O ELOGIO HISTÓRICO DE PINHEIRO CHAGAS NA ACADEMIA REAL DAS SCIÊNCIAS, EM 8 DE ABRIL.

Com a assistência de SS. MM. o rei e das rainhas D. Amélia e D. Maria Pia e de S. A. o senhor infante D. Afonso, o sr. Henrique Lopes de Mendonça fez o elogio histórico do grande escriptor, que foi secretario da Academia.
Nua linguagem fluente, cheia de vivacidade e de poderosas imagens, analysou detidamente

a obra de Pinheiro Chagas, essa volumosa obra que se estende a todos os ramos de litteratura. Falou de historiadór que arrojadamente escreveu a historia de Portugal, de romanista do *Jazamento da Duquesa* e dos *Guerrilheiros da morte* e d'outros romances historicos do canho e de pintura bel das epochas, tratou de dramaturgo que, depois de Garrett, mais contribuiu para o renascimento

do theatro portuguez, e, juntado a tantas qualidades a d'um jornalista de alento e de gravidade, bilhou como um astro no ceo da litteratura patria.
O sr. Lopes de Mendonça, ao terminar, após uma hora, foi unido applaudido, levantando-se este S. M. o rei para fazer os seus cumprimentos aos membros da familia de Pinheiro Chagas que

assistiam a esta sessão de homenagem. Como um complemento á sação do grande, valto feita pela Academia, entre a imprensa de Lisboa está-se fazendo uma subscrição para erigir um monumento ao honem que tanto trabalhou e que tantas obras deixou, affirmando em todas ellas enor- mes facilidades.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA—UM POSTO DA CRUZ VERMELHA EM SEUL

A Cruz Vermelha é uma das mais belas instituições, toda de alívio e caridade, que tem suscitado e adepto pelo mundo todo. Dispõe de grande e quantas vidas de salvação, de apólos a particulares, a magnífica obra tem prestado relevantes serviços nas guerras dos últimos tempos, cobrindo com a sua bandeira, insígnia de piedade, aqueles que sofrem após os combates e que, mercê d'essa instituição, encontram mãos caridosas de boas enfermeiras, irmãs de caridade, irmãs e vigilantes que os cuidam e os socorrem médicos precisos para as suas feridas, para os seus membros mutilados pelas balas inimigas.

Quantas vezes sob a mesma tenda, no mesmo recinto de posto da Cruz Vermelha, se encontram aqueles que há pouco se degladiavam e agora estão cobertos pela mesma bandeira de misericórdia e de bondade!

Em Portugal a obra da Cruz Vermelha tem tomado um grande desenvolvimento, mercê da actividade do seu presidente, o sr. duque de Palmella, caracter generoso e coração d'ouro sempre pronto a ministrar todas as dozes.



ASPECTOS DOS FUNERAIS DOS OFFICIAES DA GUARDA MUNICIPAL ASSASSINADOS PELO CABO 115 DA 4.ª COMPANHIA

1, CAMARA ARDENTE—2, ATEN DA SARRA—3, A CHEGADA DOS COVITADOS—4, A SARRA DO HOSPITAL—5, A ENTRADA DO CEMITERIO—6, A GUARDA DE HONRA—7, OS FUMEROS TURCOS AO SEEM DISTINGUIDAS AS BORGAS DOS CARCOS—8, O SR. COMANDANTE DAS GUARDAS MUNITARIAS—9, GRUPO DE OFFICIAES SEM FRENTE DO HOSPITAL DA ESTRELLA

Foram em 7 de maio esses funerais. O assassino estava no Castelo de S. Jorge n'aquella hora em que se aglomeravam muitos officiaes da guarnição na frontaria do hospital da Estrella, para prestarem a ultima homenagem aos seus collegos victimados pelo cabo 115 da 4.ª, n'um momento de tenelral allicinação.

Para pavor aquella condução das urnas para os carros; parecia que uma grande calamidade

viera fazer essas victimas, as quaes partiam para a ultima morada entre o pranto de todos aquelles que assistiam aos funerais.

Pela tarde calmas os entorres chegaram aos Prazeres, os caixões foram conduzidos por officiaes, ficaram nos jazigos, descarregaram-se as espioparadas da solidadeza n'uma ultima homenagem, n'uma ultima saudação, com um ecco igual ao d'aquelles tiros que os tinham victimado.



A ABERTURA DA EXPOSIÇÃO DAS BELLAS ARTES EM 10 DE MAIO—S. M. EL-REI SENHOR D. CARLOS E S. M. A RAINHA SENHORA D. MARIA PIA VISITANDO AS SALAS

Abria a exposição com alguns trabalhos dos nossos mais distintos pintores e d'alguns novos que appareceram. A Lisboa elegante e artistica encheu as salas da Academia das Bellas Artes e durante algumas horas passou em revista os trabalhos artisticos. S. M. el-rei foi, como soberano, inspecor e a exposição, para onde, como artista, enviou o seu bello quadro—*Um arabe*. Na luz suave da tarde os visitantes criticavam a mais vez, havia um rumor de vozes e um frum-frum de saias de ves-

tes das damas da alta sociedade, algumas das quaes ali concorreram tambem como expositoras.

Foram adquiridos alguns quadros logo no primeiro dia e a affluencia de visitantes tem continuado nos salões da exposição, na qual alguns pintores novos se apresentaram, embora com trabalhos indistinctos.



Logo á entrada da Exposição, na primeira sala, a vista prende-se nos bellos trabalhos de Colaço sobre azulejos, trabalhos que tendem a fazer reviver entre nós essa arte decadente, out'ora tão bella e de que existem amostras preciosas. O trabalho dos azulejos desde a pintura até ao esboço é feito com osmero e emulação e os vrs. Colaço e Gomes Fernandes prestam um bello serviço á arte continuando a trabalhar assim.

Fornar as paredes exteriores dos pedreiros com esses assumptos historicos ou com galantes motivos, com lincas ou paisagens, scenas de caçadas, typos mythologicos, seria, além d'uma medida de respeito, além d'um entretenimento para a vista, um relevante serviço á arte, ligando o nome dos dois artistas ao aforrçamento da nossa cidade que tem careço de semelhantes emprehendimentos.

Destaca-se entre estes trabalhos um magallifre espelho esmaltado em azulejo, no qual uma mulher toma uma estanciança ao espelho. A obra é destinada a S. M. a rainha. Por isso o symbolo é bello, e verdadeiro: a mãe arguendo o filho, mostrando-lhe a caridade, o desvelo, ao reflectir-se no crystal e rosto de S. M.



A EXPOSIÇÃO DE BELLAS ARTES: OS AZULEJOS DE JORGE COLAÇO E GOMES FERNANDES—A CORRERIA D'UM CHEPE PELLE VERMELHA—D. SEBASTIÃO



O EXERCÍCIO DA 2.ª BRIGADA DE INFANTARIA NO HIPPIDROMO—A PASSAGEM DA BANDEIRA LO REGIMENTO DE INFANTARIA 16

O exercício foi tão interessante como o da 1.ª brigada. Caçadores 5, infantarias 5 e 16, comandados respectivamente pelos tenentes-coronéis sr. Sousa Martins e coronel sr. João Vasconcelos e Racha Vasconcelos, manobravam d'uma forma digna de todo o elogio, como o sr. general Craveiro Lopes disse ao louvar os commandantes.

Uma companhia de infantaria 16 estabeleceu um posto á cavalleto. Era já ao fim da tarde e as tropas apresentavam um lindo effecto ao avançarem. Infantaria 5 marchou como á repulir um alique de cavallaria, sob o commando do sr. major Cabreira, e de tal maneira se houve o regimento que os espectadores se enthusiasmaram e o

sandaram. Por fim as tropas desfilaram em frente do sr. commandante da divisão e do sr. general Vitalto, commandante d'essa 2.ª brigada, que tão bem se apresentou no hippodromo pela tarde de 5 de maio.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

Penso que não houve no grupo pessoa nenhuma cujo cérebro não estivesse a ferver com pensamentos, imagens e memórias evocadas pela grandiosa história da respeitável cidade, que estava na nossa frente, mas, todavia, outro todos elles não houve noticia de que chorassem.

Nada convidava a lagrimas, que seriam mal cabidas. As idéas que Jerusalem suggerio são cheias de poesia, de sublimidade e, mais que tudo, de dignidade. Tães pensamentos não têm a sua expressão apropriada em choradeliras de crianças.

Foi logo depois do meio dia que entrámos n'essas ruas estreitas e tortuosas pela famosa porta de Damasco, e ha já muitas horas que lucto por me capacitar de que estou effectivamente na antiga cidade illustre, que Salomão habitou, ou que Abraão fatou com a divindade, e onde ainda estão de pé os muros que testemunharam o espectáculo da crucificação.

XXII

«A alegria de toda a terra»—Descrição de Jerusalem—Egreja do Santo Sepulchro—A porta da oração—A sepultura de Jesus—Sepulchros de Nicodemo e de José de Arimathea—Lugares da apocripia—O descolamento das tres cruzeiras—A leuda—Imposturas francezas—A columna da flagelação—O sitio de uma reliquia—A espada de Godofredo—As cadeias de Christo—O mastro da terra—Lugar onde se tirou o barro de que foi feito Adão—Sepultura de Adão—O soldado martyrisado—A chapa de bronze que estava sobre a cruz—A boa santa Helena—Lugar da divindade das resuscitadas—St. Dima, o ladrão arrependido—Dezda do fallecido imperador Maximiliano—Gruta em que se encontraram as cruzeiras, os cravos e a coroa de espinhos—Capella do escuro—Túmulo de Melchizedek—Sepultura de dois famosos cruzados—O sitio da crucificação.

Homem que anda bem pode dar a volta completa da cidade, por fóra dos muros de Jerusalem, n'uma hora. Não conheço outra maneira de dar a perceber quanto

ella é pequena. E' peculiar o aspecto da cidade, tão enodado de pequenas cupulas como a porta de um carcere e é de cruzamento de grades. Todas as casas toem de uma a meia duzia d'esses frontões estucados de branco, largos e baixos, assentos no meio do tecto chato, ou sobre uma pinha. Por conseguinte, quando se olha de uma altura para baixo, e se avista o montão compacto de casas (tão unidas, de facto, que não ha absolutamente signal nenhum de ruas, de maneira que a cidade parece solidaj) vê a cidade mais emoldada do mundo, excepto Constantinopla. Dir-se-hia estar toda coberta por um tecto. A monotonia d'essa vista só é interrompida pela grande mesquita de Omar, a torre de Hippico e mais dois ou tres edificios dominantes.

As casas são, em geral, de dois andares, fortemente construidas de sillaria, caedadas ou estucadas por fóra, e toem uma caixa de rotulas de madeira, saliente, de frente de cada janella. Para reproduzir uma rua de Jerusalem não era preciso mais que pendurar uma capoeira de galinhas de frente da janella n'uma rua de casas americanas.

As ruas são muito mal calçadas de pedra e razoavelmente tortuosas—o bastante para parecer que cada rua está sempre a acabar, por espaço de cem jardas, pouco mais ou menos, deante dos peregrinos, enquanto estes toem vontade de andar. Sobresallando na altura de um primeiro andar das casas ha um alpendre muito estreito, sem apoio nenhum de balcão; e muitas vezes tenho visto gatos a saltar de um para outro alpendre, atravessando a rua, quando chamavam um pelo outro. Poderiam os gatos vencer de um pulo muito maior distancia sem extraordinário esforço. Menciono estas cousas para dar idéa de quanto as ruas são estreitas. Visto que um gato pode saltar, a rua de um salto sem o menor

inconveniente, é inútil declarar que tães ruas são em demasia estreitas para passar uma carruagem. Tães vehiculos não podem transitar na cidade santa.

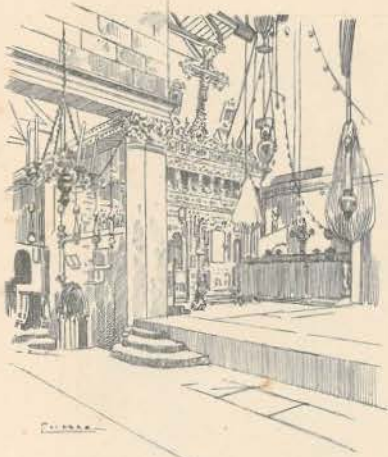
A população de Jerusalem compõe-se de musulmanos, judeus, gregos, latinos, armenios, syrios, coptas, abyssinios, gregos catholicos e de um punhado de protestantes. D'estes ultimos apenas com habitam actualmte n'este berge da christandade. Os bellos exemplares de nacionalidade comprehendidos na lista acima mencionada, e as linguas que falam, são em numero excessivo para d'elles se fazer menção. Parece-me que todas as racas, côras e linguas da terra devem ter representação entre as quatorze mil almas que vivem em Jerusalem. Abundam os andrajos, a pobreza e a imundicie, esses tostemunhos e symbolos que indicam a existencia da religião musulmana com mais segurança que o proprio estandarte do crescente. Leprosos, côxos, cegos e idiotas, assaltam de todos os lados e sabem apenas uma expressão de uma só lingua aparentemente, o siero «Dae-nos alguma coisa!» O numero de aleijados, deformados e doentes que enxameiam nos lugares santos, e se amontoam ás portas, levariam a crêr que os dias antigos voltaram e se aguardava que o anjo do Senhor descesse a todo o momento para agitar as aguas do Bethesda, Jerusalem é muito triste. Não desceria viver lá.

Vão-se naturalmente primiteiro ao Santo Sepulchro. E' mesmo na cidade, proximo da porta do Oriente. O Santo Sepulchro, o lugar da crucificação e todos os outros mais de perto relacionados com o tremendo successo estão habilmente reunidos e cobertos por um tecto — a cupula da igreja do Santo Sepulchro.

Quem entra o edificio, no meio do agrupamento usual de pedintes, vê á esquerda alguns guardas turcos — porque os christãos das diversas seitas não se questionariam, mas n'este sagrado lugar passariam tambem a vias de facto, se os deixassem. Deante de vós está uma lapide de marmore que cobre a pedra da uncção, onde foi de posto o corpo do Salvador para ser preparado para a sepultura. Julgou-se necessario occultar d'esse modo a verdadeira pedra, para a livrar da destruição. Os peregrinos eram muito inclinados a tirar pedacinhos d'ella para os levar para casa. Junto d'ali ha um gradimento circular que marca o sitio em que a Virgem esteve quando o corpo do Senhor foi ungião.

Logo que se entra na grande Rotunda, achamos-nos no lugar mais sagrado da Christandade — a sepultura de Jesus. Fica ao centro e immediatamente debaixo da grande cupula. Está encerrada n'uma especie de pequeno templo de pedra amarella e branca, de imachosa construcção. Ha dentro d'elle uma parte da verdadeira pedra que foi tirada da porta do sepulchro, e sobre a qual o anjo se assentou quando Maria ali foi ao romper da alva. Abaixando-nos muito, entramos na estancia de abobada — o mesmo sepulchro. Tem apenas côra de seis pés por sete, e a camada de pedra em que esteve o Senhor morto estende-se de uma a outra extremidade do aposento, e occupa metade da sua largura. Está coberto por uma pedra de marmore que está já muito gasta dos bellos dos peregrinos. Essa pedra serve actualmte de altar, sobre ella estão suspensas umas cincoenta lampadas de ouro e de prata, sempre accensas; só ha que notar, como improprias do lugar, as ninharías falsas e a ridícula ornamentação.

Todas as seitas dos christãos (excepto os protestantes)



INTERIOR DO SANTO SEPULCRO
ENTRADA DO TUMULO DE CRISTO

tem capellas debaixo do tecto da igreja do Santo Sepulchro, e cada qual tem de se limitar á sua, e não se arriscar sobre o terreno da outra. Provoou-se claramente que ellas não podem juntas rezar culto em paz em volta da sepultura do Salvador do mundo. Não é bonita a capella dos syrios; a dos coptas é a mais pobre de todas. Não passa de uma triste caverna, toscamente aberta na rocha viva de monte do Calvario. A um lado d'ella estão cavados dois tumulos antigos, que affirmam ser aquelles em que foram sepultados Nicodemus e José de Arimathea.

Quando vamos por entre os pilares de outra parte da igreja, encontramos um acompanhamento de monges italianos, vestidos de preto, e de rude aspecto, com cirios na mão, que entoavam qualquer coisa em latim, e celebravam algum acto religioso em torno de um disco de marmore branco no pavimento. Foi ali que o Salvador resuscitado appareceu a Maria Magdalena em figura de hortelão. Proximo estava uma pedra semelhante, do neito de uma estrella — aqui esteve a propria Magdalena ao mesmo tempo. Os monges estavam celebrando n'esse logar tambem. Celebram por toda a parte — por toda a superficie do vasto edificio, e a todas as horas. Os seus cirios andam sempre errantes na sombra, e tornam o obscuro templo antigo mais triste do que é necessario, começando seja um tumulo.

Mostraram-nos o logar onde Nosso Senhor appareceu a sua mãe depois da Resurreicção. Tambem aqui uma pedra de marmore indica o logar onde Santa Helena, mãe do imperador Constantino, encontrou as cruzes, decorridos cerca de trezentos annos da crucificação. Segundo se conta — esse grande descobrimento provoou extravagantes demonstrações de jubilo. Mas foram de curta duração. Surgiu logo a duvida: «Qual foi a que supportou o divino Salvador, e quaes foram as dos ladrões?» A incerteza n'um assumpto d'esta ordem — não se saber qual das cruzes se deveria adorar — era uma pungente doventura. Mudou em tristeza o regozijo publico. Mas quando foi que faltou um santo padre para pôr termo a perturbações tão simples como essa? Estava doente em Jerusalem uma nobre dama. Ordenaram os doutos padres que as tres cruzes fossem levadas á cabeceira da cama d'ella, uma por cada vez. Assim se praticou. Quando os seus olhos avistaram a primeira cruz, a enferma soltou um grito, que se ouviu para lá da porta de Damasco, e até sobre o monte das Oliveiras, segundo é fama, e cahiu depois n'uma prostração mortal. Conseguiram elles que a mesma dama recuperasse os sentidos, e apresentaram-lhe a segunda cruz. Atacada immediatamente de terribes convulsões, foi com a maxima difficuldade que seis homens robustos a puderam segurar. Arrecolaram-se agora de trazer a terceira cruz. Começaram a ter medo de que provavelmente se houvessem enganado com as cruzes, e de que a verdadeira não fosse nenhuma d'ellas. Todavia, como parecia haver todos os indicios da mulher morrer com as convulsões, que a estavam torturando, tiraram por conclusão que a terceira cruz não poderia fazer outra coisa senão acabar com a sua desgraça. Por maneira que levaram a cruz, e, oh! milagre! a mulher saltou da cama, risouba, presenteira e completamente restabelecida. Quando escutamos um depoimento como este, não podemos deixar de acreditar. Teríamos vergonha de duvidar, e não ficava bem. Até a mesma parte de Jerusalem onde isso se passou ainda lá está. Portanto, não ha realmente motivo para duvidar.

Os padres tentaram mostrar-nos, atravez de uma pequena grade, um fragmento da verdadeira columna da flagellação, á qual foi amarrado Christo, quando o acoutaram. Mas não pudemos vê-lo, por estar muito escuro dentro da grade. Todavia, ha lá um pau que o peregrino mette por um buraco na grade, e então já não duvida mais de que a verdadeira columna da flagella-

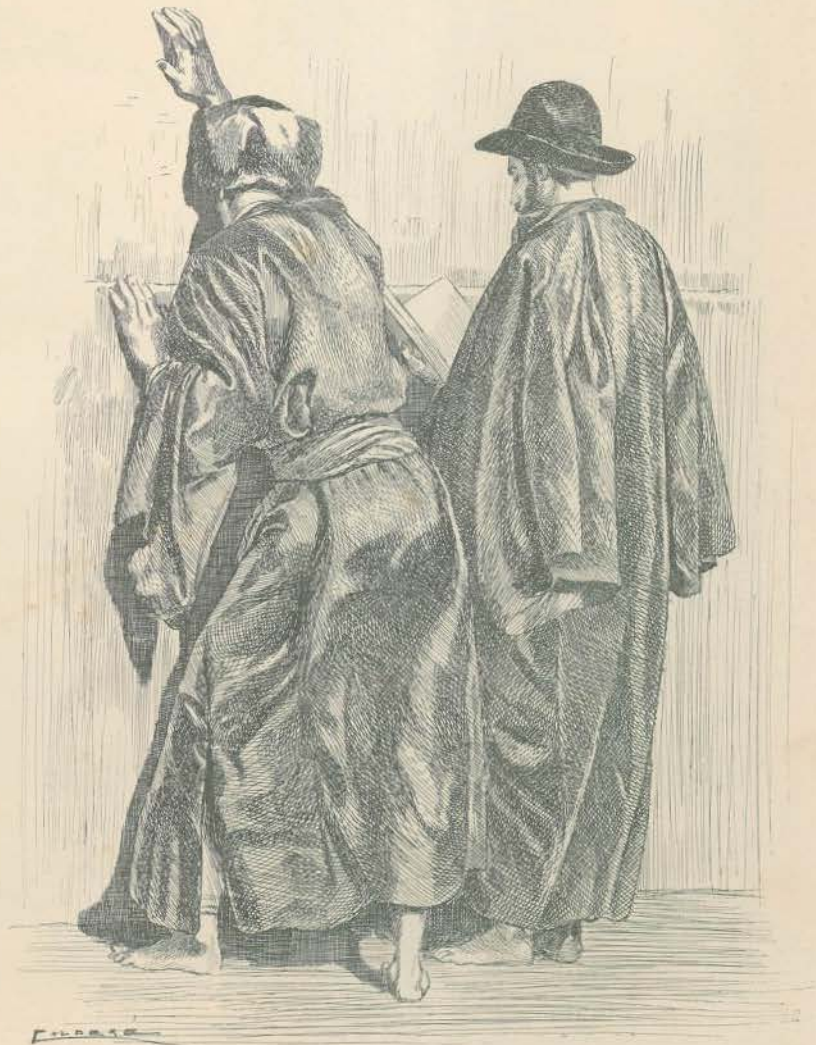
ção está lá dentro. Não pode ter motivo nenhum para o pôr em duvida, porque o pode sentir com o pau. E senteo tão distinctamente como sentiria qualquer coisa. Não muito longe d'ali ha um nicho, onde costumam guardar um pedaço da verdadeira cruz, mas agora já lá não está. Esse pedaço de cruz foi descoberto no seculo decimo sexto. Dizem os padres latinos que foi furtado, ha muito tempo, por padres de outra seita. Isto parece um aserto assaz difficil de fazer, mas sabemos muito bem que foi furtado, porque nós mesmos o vimos em diferentes cathedras da Italia e da Franca.

A reliquia, porém, que maior impressão nos causou foi a liza espada velha d'esse anafado cruzado Godofredo de Bolhão — o rei Godofredo de Jerusalem. Nenhuma lamina na christandade produz um tal encantamento como esta — nenhuma, entre todas as que se enchem de ferrugem nos palacios da nobreza da Europa, pode despertar semelhantes visões romanticas no coreião d'aquelle que a contempla — nenhuma que possa blazonar de tão cavalheirosos feitos ou contar proezas tao das guerreiras eras antigas. Acorda dentro de todo o homem todas as memorias das guerras santas, que sopitaram no seu cerebro durante annos, e povoa o seu pensamento de imagens com rotas de mallo, de exercitos em marcha, de batalhas e esteros, Fala-lhe de Balduino, de Tancred, de príncipe Saladim e do grande Ricardo Coração de Leão. Foi com espadas como essas que estes esplendidos heroes de romance costumavam, por assim dizer, partir um homem em duas partes, uma das quaes cabia para um lado, e a outra para outro. Esta mesma folha fendeu centos de cavalheiros sarracenos do alto da cabeca até á barba, nos antigos tempos de Godofredo. Estava então enfeitada por um genio que se achava

sob o dominio do rei Salomão. Quando o perigo se abeirava da tenda de seu dono, ella batia sempre no escudo e espalhava um grande alarme no ouvido sobresaltado da noite. Em occasião de duvida ou no meio da escuridão, se a tiravam da bainha, apontava logo para o inimigo e d'este modo indicava o caminho — e diligenciava tambem partir atraz d'elle do moto-proprio. Um christão não podia disfarçar-se de modo que ella o não reconhecesse e se não reencasasse a fazer-lhe mal — nem tambem um musulmano que ella não saltasse da bainha e lhe não tirasse a vida. Estas affirmacões estão todas bem demonstradas em muitas lendas, que pertencem ao numero das mais fidedignas que os bons velhos monges catholicos conservam. Agora nunca mais me posso esquecer da espada de Godofredo. Experimentei-a n'um mahometano e rachei-o de meio a meio como um pão de ló. O espirito de Grimes estava sobre mim, e se eu tivesse ao meu dispor um cemitorio, teria extornado todos os infieis em Jerusalem. Limpel o sangue da velha espada e restituí-a ao padre — não queria que os signos frescos apagassem essas sagradas manchas que encubesceram o seu brilho, ha seis seculos, e deram aviso a Godofredo de que antes do sol posto elle acabaria o seu tempo de vida. Debaxo de um altar junto da porta estava um par de troncos de madeira, para pernas humanas. Chamam-lhes as cadeias de Christo e ao uso que antigamente fizeram d'elles devem o nome que tem agora.

FOLHETIM N.º 37

(Continúa.)



JUDEU EM ORAÇÃO



A MORTE DO CAVALLEIRO FERNANDO DE OLIVEIRA NA PRAÇA DO CAMPO PEQUENO EM QUINTA FEIRA D'ASCENSAO
(Segundo um croqui feito no local expressamente para a ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA)

Estava uma verdadeira tarde de tonrada, o sol quente, a luz deslumbrante. O publico enchia a praça, e, como fôra prohibido tocar o hymno real n'essas divertidas, soara alegremente aquella marcha antiga, caracteristica dos velhos torneios, a mesma que se ouvira em Salvaterra quando o conde d'Arcos morreu ao agarrar a fôr que caíra das mãos da sua amada.

Era bella a corrida, SS. MM. e AA. estavam no camarote real, scintillavam ao sol as fardas bordadas dos cavalleiros, e Fernando d'Oliveira entrara garboso nas cortinas.

Deu-se o signal para o 2.^o touro.
Entrou a praça de applausos, levantava-se o publico ante o donzote do cavalleiro que, na sua montada cor de azeitona, direito, elegante na sua casaca encarsada bordada a prata, recebeu a fôr que lhe entregava o banjarilheiro hispanhol Curriacho. Fernando de Oliveira veio fazer os empunhaes a SS. MM. e correu a aguardar o touro á ganha.

O bicho era castanho, d'uma tom torrada, com brugas no ventre e grasto de armação, tardo em arrasar.

O cavalleiro perdeu a sorte de galota, mas veio com valentia á meia volta, sahiu em falso e fez outra sorte, cravando um magnifico ferro á tira, e que causou delirante enthusiasmo.

De novo a praça estregiu em applausos; elle, na sua veste vermelha, aquecido pela evaçao, quiz apertar o bicho que se encolhia em frente do sector n.º 6, sombra sol, para onde o cavalleiro se dirigiu a cinto de novo em voz rija.

Houzeram outro a sorte em meia volta e cravou o ferro. Mas n'este momento o touro investiu, colhou o cavallo pela ante e o artista, perdendo os estribos, ficou sob a montada que fôr tocada fortemente. Porém o cavallo ergueu-se, o touro investiu de novo para os vultos, Fernando de Oliveira ficou á descoberto e o animal continuou a murrar furiosamente com elle enquanto dois hispanhos com as espas buscavam distrahir a fôr.

O artista foi finalmente levantado: tinha o cráneo fracturado, dizendo-se ter sido o cavallo ao erguer-se que o calcara com uma das ferraduras.

Souvam gritos, havia uma dôr intensa em todos os coraçoes, os espectadores apavorados, e pallidos, soltavam brados de angustia, estabelecendo um terror enorme e o cavalleiro era conduzido á enfermaria e d'alli ao hospital de S. José, onde falleceu poucos momentos depois de chegar, expirando entre os seus amigos dedicados que choravam per essas belle rapas, gloria da arte de toureira e devotado chefe de familia.